

CAPITULO I

Histórico de uso e manejo de roçados tradicionais na Comunidade do Mutamba, Terra Indígena Araçá, Roraima

Introdução

Identificar a comunidade indígena desta região e a maneira como pratica a agricultura torna-se relevante, uma vez que situa suas atividades produtivas no contexto da história desse grupamento humano e sua relação com os espaços que ocupa.

O Estado de Roraima localiza-se no extremo norte da região Amazônica brasileira. Representando 4,6% do território da Amazônia Legal, possui uma área de 225.116 Km² com um relevo muito diversificado, fazendo fronteira com Guiana, Venezuela e com os Estados do Pará e Amazonas (Sette Silva, 1997; Barbosa *et al.*, 2005).

No Nordeste do Estado, aparecem as savanas amazônicas, sendo a maior área contínua de savanas do Bioma Amazônia, encontrando-se isoladas das grandes formações abertas (cerrados) do Brasil Central, compondo a ecorregião das “Savanas das Guianas” (Barbosa *et al.*, 2005; Barbosa & Miranda, 2005). Em Roraima, as savanas são regionalmente chamadas de “Lavrado”. Nesse ecossistema ocorrem agrupamentos de espécies arbóreas de florestas semidecíduas em forma de “ilhas”, que regionalmente são conhecidas como “ilhas de mata”.

Habitam em RR indígenas das etnias Ingaricó, Macuxi, Patamona, Taurepang, Wapixana, Waimiri-Atroari, Waiwai, Yanomami, Yekuana e Hixkaryana (ISA, 2008, FUNAI, 2009), cujas etnohistórias são diretamente relacionadas ao mosaico de ecossistemas que formam a paisagem do estado (Costa e Souza, 2005). As etnias Ingaricó, Macuxi, Patamona, Taurepang e Wapixana são habitantes de áreas do “Lavrado”. Como agricultores, pescadores, caçadores e coletores, desenvolveram um vasto conhecimento acumulado sobre o ambiente e as técnicas tradicionalmente utilizadas (Oliveira Junior *et al.*, 2005).

Sendo o ecossistema o contexto geral onde ocorre a adaptação humana, ela é variada de acordo com o ecossistema. Na Amazônia, e, mais ainda, em Roraima, existem

muitos ecossistemas interrelacionados, mas, cada um com sua própria história natural, suas características geofísicas e químicas e suas populações humanas com suas diferenças, resultado do processo de adaptação dessas populações à essa variabilidade e do efeito das suas diferentes histórias culturais. Assim, a heterogeneidade das populações que habitam a Amazônia reflete a diversidade do ambiente, e essa relação com o ambiente é, na maioria das vezes, consagrada pelos mitos de cada sociedade (Morán, 1990). Assim, os povos indígenas desenvolveram um vasto conhecimento acerca das características ecológicas e ambientais dos territórios (Miller *et al.*, 2008).

Neste contexto, nas Savanas se desenvolveram processos de adaptabilidade muito específicos a este meio, resultado de soluções em termos de experiência e praticidade na relação cultura e natureza ao longo do tempo, espaço e história (Costa e Souza, 2005). Nesta região, as pressões ambientais que influenciaram as estratégias das populações foram os ciclos de precipitação e estiagem; as limitações químicas dos solos; a diversidade de ecossistemas presentes e, a menor produtividade da pesca (Morán, 1990).

A agricultura tradicional de corte e queima na região é praticada em áreas de mata, sejam estas as “ilhas de mata” nas planícies, as matas ciliares nas margens de rios e igarapés ou o sopé ou encosta das serras florestadas. Esse tipo de manejo também é conhecido como agricultura de subsistência, de derruba e queima, de coivara, itinerante, migratória, (Morán, 1990; Oliveira Junior *et al.*, 2005 e Miller *et al.*, 2008).

Apesar de apresentarem algumas especificidades de acordo com o grupo indígena que os desenvolvem e a região, estes sistemas são caracterizados por utilizar-se de um conjunto de práticas tradicionais de manejo e muitas vezes de uma diversidade de espécies cultivadas de forma consorciada (Miller *et al.*, 2008).

A agricultura de corte e queima é influenciada pelo regime climático sazonal da região em que é praticada e envolve uma alternância entre períodos de cultivo, cuja produtividade é garantida pela fertilidade conferida pelas cinzas da vegetação queimada, e longos períodos de pousio, quando a área abandonada tem seu solo recuperado pela regeneração da capoeira.

Em levantamento realizado com populações indígenas do alto Juruá, no Acre, Franco *et al.* (2002) descrevem as atividades realizadas para “botar roçado”, que devem ser feitas na época seca. Feita a escolha do local, que pode ser em uma área de mata virgem ou em área de capoeira com período já avançado de pousio, o primeiro passo é “brocar” o roçado. A “broca” consiste em cortar os cipós, as árvores mais finas e a vegetação mais

baixa. Uma vez feita a limpeza do sub-bosque, o passo seguinte é derrubar as árvores de maior porte. Nessas duas primeiras etapas, é feita a seleção de material para aproveitamento para lenha e construção das casas e outros usos. Após essa limpeza da área e durante o mês mais seco da estação, a área é deixada para secar e, em seguida, ateia-se fogo nessa área. Na seqüência, procede-se ao que se chama de encoivarar, quando os resíduos que não queimaram são reunidos em pilhas (coivara) para nova queima. Ao fim dessas etapas o terreno está limpo e fértil, devido às cinzas da vegetação queimada, rica em nutrientes, o que aumenta a produtividade da terra. O plantio é realizado no início da época das chuvas e periodicamente é feita a limpeza da vegetação espontânea.

Após cerca de 2 ou 3 ciclos de cultivo no roçado, o solo esgotado não mais garante a produtividade do sistema e a área é então abandonada e procede-se a abertura de uma nova roça. Na fase do pousio, há a recuperação das qualidades químicas e físicas do solo, na medida em que as árvores pioneiras da capoeira reciclam nutrientes extraídos das camadas mais profundas do solo e, por via da serrapilheira, acrescentam matéria orgânica ao solo (Miller *et al.*, 2008).

Posey (1997) destaca, ainda, que, apesar do auge da produção das roças ser por 2 ou 3 anos, elas continuam a fornecer produtos cultivados durante muitos anos, como a batata doce, o inhame e cará, mamão e inclusive, a mandioca. Além disso, as capoeiras são fonte de recursos naturais altamente diversificados, incluindo plantas alimentícias, medicinais e caça. Os Kayapó, do Pará, visitam constantemente as antigas capoeiras, em busca de produção remanescente.

As roças podem ser individuais, cultivadas por família, ou comunitárias, de acordo com a organização social e econômica da comunidade. Os principais cultivos são mandioca, milho, jerimum, feijão-caupi, cará, batata-doce e pimenta. O excedente é trocado entre comunidades ou vendido em feiras livres na cidade (Oliveira Junior *et al.*, 2005). É comum, ainda, o cultivo de mamão, banana e cana-de-açúcar nos roçados.

A medida que se intensifica o contato com não índios e a medida que há uma fixação das comunidades, os modos de produção tradicionais vêm sofrendo mudanças de tal forma que não mais são capazes de atender a todas as necessidades básicas das populações indígenas em crescimento. Tal fato pode ser verificado, por exemplo, pela diminuição das atividades produtivas em consequência da degradação dos solos, devido à redução do tempo de pousio associado ao uso do fogo. Há a idéia nas comunidades de que as técnicas agrícolas praticadas pelo não-índio sejam “melhores” do que o modo de

produção tradicional indígena. Mas a implementação dessas tecnologias com o intuito de incluir os indígenas na economia de mercado tem gerado muitos problemas devido a atrasos e descontinuidade dos projetos, além de levar a perda de variedades tradicionais, juntamente com toda a tradição envolvida com tais culturas (Oliveira Junior *et al.*, 2005). Além disso, Posey (1997) destaca que, atualmente, os sistemas de lavoura indígena são reconhecidamente mais complexos e, de um modo geral, adaptados às condições tropicais.

Esta etapa do trabalho de pesquisa teve o objetivo de caracterizar historicamente as populações indígenas da TI Araçá, caracterizar a TI Araçá e a Comunidade de Mutamba e a agricultura na Comunidade do Mutamba.

Material e métodos

A Terra Indígena Araçá localiza-se no Nordeste do Estado de Roraima, na parte sudoeste da região do “Lavrado” (Savana), a 120 km da capital Boa Vista, no município de Amajari. Atualmente, cinco comunidades compõem a TI: Araçá, Mutamba, Guariba, Mangueira e Três Corações (Figuras 2 e 3). Embora todas as comunidades tenham sido visitadas, o trabalho enfocou a Comunidade do Mutamba.

A obtenção dos dados foi realizada através de um levantamento inicial junto ao então tuxaua (líder da comunidade) da Comunidade de Mutamba na época da definição da pesquisa; visitas guiadas aos roçados; observação *in loco* durante as idas a campo a fim de realizar atividades do projeto – tais como cursos e oficinas com abordagens sobre agroecologia, manejo do solo, sistemas agroflorestais e adubação verde; plantio de sistema agroflorestal na caiçara com mudas de frutíferas e madeiras junto com leguminosas; plantio de leguminosas no viveiro da Comunidade Araçá; plantio de Guandu em torno das bananeiras do viveiro desta Comunidade e de leguminosas nas áreas de cultivo no Lavrado, sendo algumas delas iniciativas espontâneas de moradores locais –; revisão de literatura; e, questionários semi-estruturados (Anexo 1) realizados junto aos agricultores indígenas e consultores locais da Comunidade do Mutamba.

Os critérios para participação nos questionários foram: os agricultores indígenas experimentadores, ou seja, os donos dos roçados experimentais da pesquisa, previamente escolhidos junto com a comunidade, de acordo com os critérios de seleção dos roçados e

consultores locais indicados pela comunidade, como sendo aquela pessoa que tem bastante experiência e conhecimento da história da comunidade.

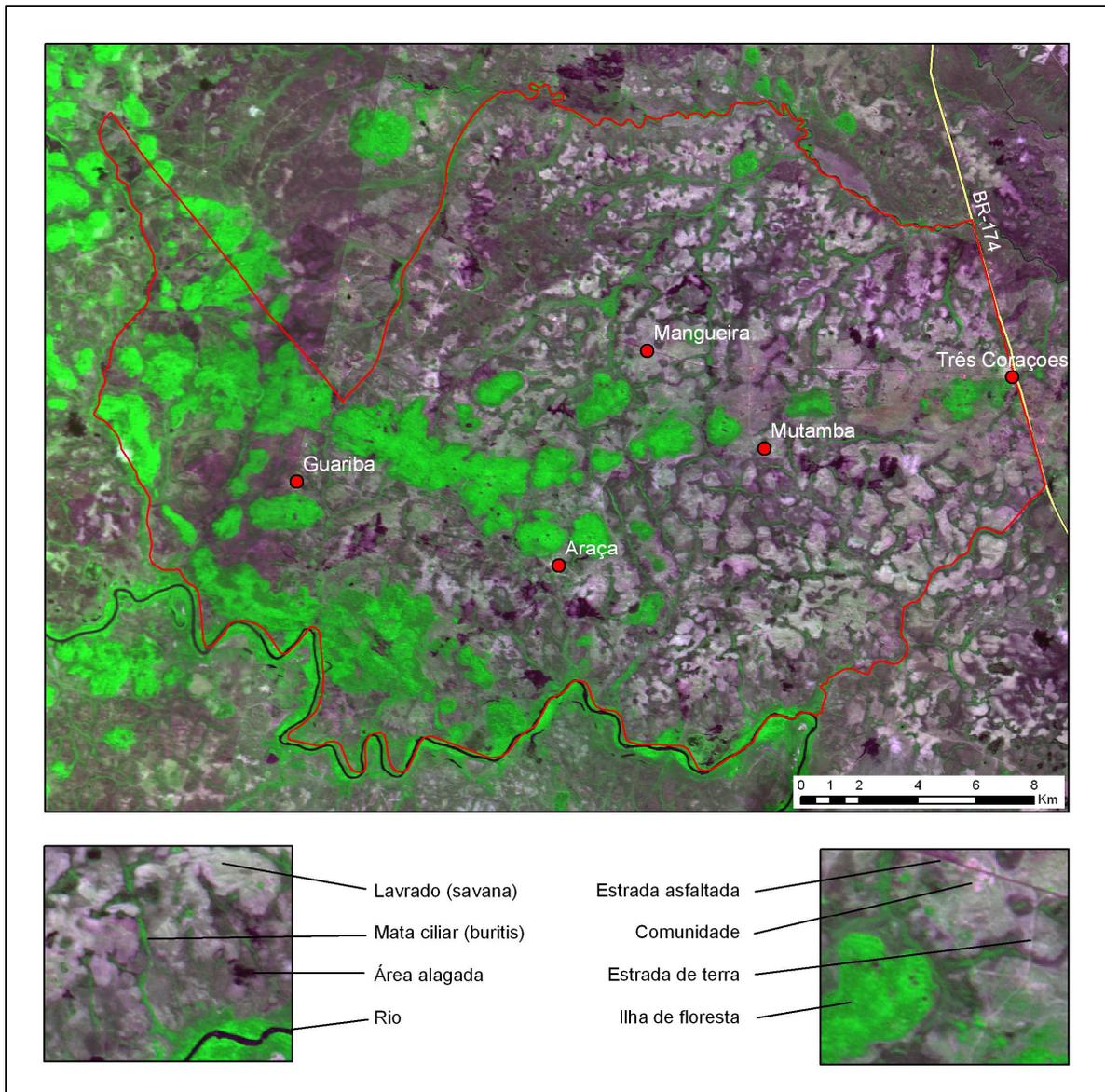


Figura 3 – Imagem de satélite com os limites da TI Araçá e a localização das cinco comunidades. **Fonte:** Mosaico CBERS, 01/04/2006. Site: <http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>

A pesquisa de campo contou com 3 roçados experimentais, sendo assim, foram aplicados seis questionários, com participação de sete pessoas, ou seja três agricultores indígenas experimentadores, a esposa de um deles, e três consultores locais.

Os questionários foram aplicados com o consentimento do participante, através do Termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 2) e mediante aprovação do projeto no Comitê de Ética do INPA e regulamentação da pesquisa pela Fundação Nacional do Índio -

FUNAI. Os questionários foram aplicados no mês de janeiro de 2009, já na época da finalização da pesquisa, em horário e local previamente combinados com os participantes e constou de perguntas a respeito do histórico de uso das roças, dos critérios de escolha de uma área para o roçado, da caracterização das áreas ocupadas com o roçado; das espécies cultivadas, incluindo as diversas variedades conhecidas e utilizadas; das práticas e aspectos produtivos no manejo dos roçados; do calendário agrícola; dos problemas fitossanitários (doenças, insetos e mato); das relações de propriedade, divisão do trabalho e transmissão do conhecimento; e da alocação dos produtos no mercado e seus problemas. As visitas guiadas aos roçados foram realizadas também em horário já combinado com o participante, com o objetivo de possibilitar ao pesquisador conhecer os roçados e as “ilhas de mata” e perceber e visualizar a realidade mostrada pelos agricultores em seus questionários.

Através da pesquisa literária foi feita uma revisão do histórico da ocupação do território da savana e das etnias que o ocupam com o objetivo de caracterizar as populações indígenas que ocupam a TI Araçá.

Com as informações levantadas nos questionários foi feito o histórico e a caracterização da Comunidade do Mutamba e a caracterização da agricultura na comunidade através da descrição do histórico de uso e manejo dos roçados e da percepção dos agricultores indígenas da Comunidade de Mutamba acerca dos recursos naturais da comunidade e a ocorrência de mudanças no manejo ao longo do tempo.

Resultados e discussão

Caracterização das populações indígenas da TI Araçá

A TI Araçá está localizada na parte sudoeste da região do “Lavrado” de Roraima (Figura 2), e faz parte de uma região chamada Complexo Macuxi-Wapixana, por ser área de ocupação tradicional das etnias Macuxi e Wapixana, etnias mais numerosas no “Lavrado”. Além destas, estão presentes também indígenas das etnias Taurepang e Saporá e descendentes de casamentos interétnicos da região, principalmente entre Macuxi e Wapixana.

As populações indígenas tradicionais da área do Monte Roraima e Cordilheira Pacaraima se autodesignam Pemon e Kapon, da família lingüística Karib. Os Kapon, povo

do alto, povo do céu, são compostos pelos Akawaio e Patamona, das montanhas a Norte e Leste. Os Pemon são compostos pelos Kamaroto, Arecuna e Taurepang, nos territórios a oeste e Macuxi, a sudoeste, na região da Gran Sabana, chamada de Lavrado pelas populações de Roraima, na bacia do Rio Orinoco (Costa e Souza, 2005, Santilli, 2001). Os dois grupos se consideram aparentados, descendentes de Macunaíma e Enxikiráng (irmãos míticos filhos do sol) que forjaram num tempo antigo a atual configuração fisiográfica do mundo, contado através do mito da árvore Wazaká (árvore da vida) que deu origem a todas as plantas comestíveis que se encontram até hoje, e ao Monte Roraima de onde fluem os cursos d'água que banham o território tradicional desses povos, explicando origem do cultivo, diferenciação étnica, localização geográfica (Santilli, 2001).

Os Wapixana, de filiação lingüística Arawak (Farage, 1997) ocupam tradicionalmente o território que se estende da bacia do rio Uraricoera ao Surumu, às regiões da Serra da Lua e Tacutu, em Roraima e áreas localizadas além da fronteira internacional de Brasil e República da Guiana, na região do Rupununi (Costa e Souza, 2005).

Ao longo da história, os territórios tradicionais dessas populações sofreram processos de colonização, ocupação e invasão que modificaram as relações entre os indígenas e não indígenas. Vale destacar a expansão pecuarista nos campos naturais baseada na mão de obra indígena no final do século XIX e início do século XX, a colonização inglesa do Rio Rupununi, garimpagem de ouro e diamante e missão evangelizadora a partir do início do século XX, política fundiária relacionada a terras indígenas na década de 40 e criação da FUNAI, em 1967 (Farage, 1997 e Santilli, 2001).

Diversos autores destacam a possibilidade de ter havido incorporação de povos dizimados pelo processo de contato por outras etnias, como Macuxi e Wapixana, ao longo do séc. XIX e início do séc. XX (Farage, 1997).

Em 2006, de acordo com levantamento feito pela Funasa, a população Macuxi era de 23.433 indivíduos, no Vale do Rio Branco e no Interflúvio Maú (Ireng)/Rupununi, território guianense (Santilli, 2001 e ISA, 2008). A Wapixana, de cerca de 13 mil indivíduos, habitando os campos do interflúvio dos rios Branco e Rupununi, na fronteira entre o Brasil e a República da Guiana (Farage, 1997, ISA, 2008). No Brasil, a população Wapishana era de sete mil indivíduos em 2008 segundo levantamento feito pela Funasa (ISA, 2008).

afastadas onde são criados porcos), uma capela católica, uma escola, um barracão (casa de palha) para reuniões, encontros, apresentações.

Um dos entrevistados, Wapixana de 46 anos, vive com sua esposa, filha de Wapixana com Macuxi, vinda do Surumu (TI Raposa Serra do Sol) e seus filhos. Ele nasceu na área da TI Araçá onde hoje se localiza a Comunidade do Mutamba, assim chamada devido à proximidade da Ilha do Mutamba. Na época, a Comunidade era composta por quatro famílias nucleares em torno de sua avó e se chamava Mangueira. Em 1996 foi criada, no mesmo local, a comunidade do Mutamba, com aproximadamente 12 famílias, e Mangueira passou a ser o nome de outra comunidade dessa mesma TI. Segundo Santilli (2001), há uma tendência uxorilocal (famílias nucleares em torno do pai da esposa) entre as populações Macuxi. Esta tendência é difícil de ser observada sem uma pesquisa mais profunda das movimentações familiares que deram origem as comunidades da TI Araçá e que podem ter desconfigurado o arranjo tradicional. O que pode ser observado é um arranjo em torno de famílias unidas por laços de parentesco. As casas são dispersas, diferente das aldeias na região de floresta, que se caracterizam por casas comunais, compostas por famílias nucleares, unidas por laços de parentesco (Santilli, 2001)

Hoje, a Comunidade do Mutamba possui aproximadamente 22 famílias, com histórias de origem diversas. Muitos vieram de regiões vizinhas, como Serra da Moça, Surumu, São Marcos, para acompanhar a família ou por casamento; outros nasceram na região, mesmo antes da configuração atual da TI. Nem todas as famílias possuem roçados ou trabalham com agricultura. Alguns são professores assalariados ou trabalham em fazendas na região. É bastante comum os filhos mais velhos irem para Boa Vista estudar.

Agricultura na Comunidade de Mutamba

Para o cultivo das roças, a comunidade explora duas ilhas, a Ilha do Porco (Figura 5) e de Mutamba.